



Em cena, os Maxakali, fotografados na aldeia por Hilton Viotti

□ A MARCHA DOS MAXAKALI

Luta pela terra traz remanescentes a Belo Horizonte

O povo Maxakali possui uma cultura material reduzida. Os recursos naturais disponíveis são maximamente aproveitados. Entre esses recursos, a terra, imprescindível, tem sido o principal motivo de seu extermínio. Hoje eles são 710 sobreviventes da violência que se iniciou na década de 20, quando um ex-funcionário do Serviço de Proteção ao Índio vendeu suas terras.

Assassinatos, agressões, fome e doenças fazem o cotidiano desse povo, um dos legítimos donos das Américas, heróis de resistência. Os Maxakali começam a chegar a Belo Horizonte neste domingo para abertura da Campanha Internacional pela Regularização do Território Maxakali, dia 24 de outubro, na Câmara Municipal.

A campanha visa assegurar a regularização da área

que, apesar de vendida ilegalmente, recebeu o aval do governo, que tituló as propriedades. Obrigados a reduzir seu território original, pela penetração do colonizador, os Maxakali vivem hoje confinados em duas áreas separadas por faixa intermediária onde permanecem pelo menos onze fazendeiros.

O Ministério da Justiça determinou a demarcação do território indígena em 1993, através da Portaria 317, mas, passados dois anos, o Governo Federal ainda não a regularizou. Para isso é preciso que o presidente da República faça a homologação em Cartório de Imóveis da região e no Departamento de Patrimônio da União. Depois disso restaria, finalmente, a retirada dos fazendeiros.

Cultura e língua preservados

Os Tikmã-ãu, ou Maxakali, são o único povo indígena com cultura e língua própria preservadas. Ele fazem parte do mesmo tronco lingüístico em que se inserem os Pataxó e os extintos Malali, Makani, Cumanaxó, Cutaxó e Panãme. Na época do descobrimento eles ocupavam grandes áreas da Mata Atlântica e dos atuais estados de Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo.

Caçadores e coletores semi-nômades, estão hoje aldeados em reserva de área descontinua, nos afluentes do Rio Mucuri, município de Bertópolis, nordeste de Minas Gerais.

Os Maxakali vivem para o presente. Não acumulam bens nem têm preocupação com o futuro material. O valor do dinheiro eles descobriram à força, em função da devastação das matas, escassez da caça e diminuição dos peixes. Daí à adoção dos padrões brancos de produção foi um passo. Paralelamente a essas atividades produtivas, os Maxakali continuam a caçar e coletar, como em outras épocas, nas fazendas vizinhas da região.

Uma vida ritual intensa mantém o contato permanente com o mundo dos espíritos. O universo simbólico e a mitologia são extremamente complexos. Eles concebem a terra (hãnhã) como uma plataforma plana e circular, coberta pelo céu em forma de cúpula (pexlxox). O sol (mãyon) e a lua (mãyon hey - hey significa feminino) percorrem diariamente, no sentido leste-oeste, o caminho celeste (yokoma).

A aldeia dos Maxakali é formada por um semicírculo de casas voltadas para um pátio central. No centro deste fica o kuxex, a casa cerimonial, proibida às mulheres. Os grupos são constituídos a partir de um casal central. As casas são feitas de palha e madeira e, muitas vezes, não têm vedação lateral. Cada casal tem uma cama de varas.

As famílias que compartilham a mesma casa comem juntas e são, geralmente, pais, filhos e irmãs. Na definição de Quelé Maxakali, a resistência desse povo está na frase: "O meu pai contou pra mim e eu vou contar pro meu filho..."

Parlamentares organizam visita

Parlamentares e jornalistas do Brasil, Áustria e Alemanha estarão em visita à área Maxakali no dia 10 de novembro. É a mobilização internacional para pressionar o Governo Federal pela regularização das terras dos Maxakali. A campanha, que no Brasil começa por Belo Horizonte, terá uma exposição itinerante de fotos, dossiê sobre a situação desse povo indígena e a mostra do vídeo "Maxakali, Povo do Canto", premiado in-

ternacionalmente.

No decorrer da campanha, assessorada pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), será lançado um abaixo-assinado a ser entregue às autoridades. Depois de Vitória a campanha percorrerá outras três capitais: São Paulo, Vitória e Salvador. O vales do Mucuri e Jequitinhonha também estão no roteiro por compor o território histórico deste grupo indígena